



Ética e psicanálise

Gerson Isac Berlim, Porto Alegre*

O trabalho visa a salientar alguns aspectos que identificam, inicialmente, o entendimento do desenvolvimento ético do indivíduo a partir dos trabalhos de Freud que discutem a lei proibitória do incesto e do parricídio, bem como o lançamento das bases da estrutura social. A partir destes aspectos, discutem-se as questões éticas relativas às atividades do psicanalista, dando uma ênfase especial a questões técnicas relacionadas às conflitivas que podem surgir dentro do setting psicanalítico.

Descritores: técnica psicanalítica, perturbações do setting psicanalítico, conflitos éticos do psicanalista.

* Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).



Ao longo de nossa história, os mitos, as religiões, a literatura e a arte vêm explorando os crimes do homem para lhe mostrar o peso de sua culpa. Freud conferiu à noção de culpa uma importância central, e é ela a expressão mais rigorosa dos crimes do incesto e do parricídio. Em *Totem e tabu* (1913) ele escreveu que estes crimes estão na origem das leis que os reprimem e que se expressam na organização do superego.

A lei que condena o incesto e o parricídio transformou-os em crimes simbólicos, que se evidenciam nas fantasias inconscientes do sujeito. O efeito do superego consiste em tornar o crime irrealizável, ajudando o sujeito a manter-se ético. A proibição do incesto, que complementa a proibição de se matarem como haviam feito com o pai da horda primitiva, constitui o ponto de partida das normas éticas que definem os critérios de humanização do homem.

Ainda quanto ao sentimento de culpa, deve-se destacar que ele faz parte das garantias da civilização. O custo do progresso cultural deve ser pago por uma perda de felicidade, decorrente do reforço desse sentimento de culpa.

A força da culpa corresponde ao desejo de transgressão. A renúncia à satisfação de tal desejo é que condena o sujeito a respeitar o equilíbrio que tanto sobrecarrega o peso dos sentimentos de culpa, que, assim como encaminham os distúrbios mentais, também cimentam os valores mais autênticos da civilização.

Através da cultura, e aqui se insere a psicanálise, as exigências podem se manter em níveis razoáveis, permitindo que se superem as leis morais primitivas e que se abra espaço para a ética, o que conduz a sublimações criadoras. Através da sublimação, a finalidade da pulsão se modifica, apontando para objetos socialmente valorizados, para que, desta forma, se vá construindo um objetivo ético nas escolhas e aspirações.

O homem, portanto, torna-se ético a partir de um processo de desenvolvimento cultural que implica em poder encaminhar bem suas pulsões, sendo capaz de se responsabilizar por seus atos, promovendo e regulando o relacionamento com seus semelhantes. A ética se instala no ego do sujeito, capacitando-o a manejar com as pulsões advindas do id as ordens do superego e as exigências da realidade exterior (Vollmer & Berlim, 2005).

Subjacente a todo estado de sofrimento psíquico encontra-se o conflito ético e, determinante deste, o conflito psíquico. A expressão deste sofrimento e a forma como o analista deve lidar com ele derivam de um conflito ético que o paciente não foi capaz de resolver conscientemente. Na relação analítica, instalam-se vínculos afetivos que levam ao estabelecimento de um campo onde a transferência, por parte do paciente, e a contratransferência, por parte do analista,



determinam as tendências pulsionais mobilizadoras da dupla.

Pode-se dizer que a ética e a técnica são faces da mesma moeda (Etchegoyen, 1987), pois existe uma relação de continuidade indissolúvel entre elas na prática psicanalítica, sendo que o analista é ético enquanto preserva a boa técnica. A ética extrínseca da psicanálise se deteriora quando acontecem falhas nos procedimentos técnicos analíticos. O movimento psicanalítico segue em expansão com importantes contribuições, mas tem-se que observar pressupostos básicos e essenciais da psicanálise, para que se possa avaliar se o psicanalista está sendo ético para com seu paciente.

Com um adequado emprego dos conhecimentos de que dispõe a ciência psicanalítica, deve-se alcançar um efeito terapêutico permanente, pois é desta forma que o paciente se capacitará a ver-se a si mesmo tal como é, desmentindo suas afirmativas relacionadas a distorções até então vivenciadas. Assim, alcança o que se pode chamar de *a sua verdade*, que representa seus fatos reais. Para a psicanálise, a experiência da procura da verdade é sua base terapêutica. A verdade expressa na interpretação é o critério ético exigido na relação analista / analisando.

Cabe destacar que, na relação analítica, devem ser nítidos os limites e as metas da dupla, formada esta por um sujeito plenamente desenvolvido (analista) e por outro por se desenvolver (paciente). A tarefa visa a assegurar ao paciente sua plena capacidade, permitindo, assim, que tome decisões por si próprio. O analista tem o dever ético de ajudar o paciente a se desprender da relação de dependência, permitindo-lhe a instalação e o desenvolvimento da capacidade de autonomia plena. A questão ética reside, portanto, numa visão ampla, na oposição entre autonomia e autoritarismo, na qual este ataca permanentemente o objetivo da autonomia, que é a razão analítica. Freud preocupou-se com a questão ética desde as considerações iniciais sobre sugestão até a mais elaborada teoria da transferência, quando fica salientada a meta da técnica psicanalítica de respeitar e desenvolver a autonomia do paciente.

Dois comentários chamam a atenção: o primeiro, em *Observações sobre o amor transferencial*:

Para o médico, motivos éticos unem-se aos técnicos para impedi-lo de dar à paciente o seu amor. O objetivo que tem de manter em vista é que essa mulher, cuja capacidade de amar acha-se prejudicada por fixações infantis, de adquirir pleno controle de uma função que lhe é de tão inestimável importância; que ela não deve, porém, dissipá-la no tratamento, mas mantê-la pronta para o momento em que, após o tratamento, as exigências da vida real se fazem sentir (Freud, 1914b, p. 219).



O segundo, em 1938, em *Esboço de psicanálise*, salienta novamente a íntima relação da ética com a técnica quando diz:

Por mais que o analista possa ficar tentado em transformar-se em professor, modelo e ideal para outras pessoas, e criar homens a sua própria imagem, não deve esquecer que essa não é a sua tarefa no relacionamento analítico, e que, na verdade, será desleal a essa tarefa se permitir-se ser levado por suas inclinações. Se o fizer, estará apenas repetindo um equívoco dos pais, que esmagaram a independência do filho através da sua influência [...] (Freud, 1938, p. 202-203).

A norma ética diz que se deve buscar a verdade do paciente, o que implica em uma determinação na metodologia do trabalho analítico. Em relação a este aspecto, o analista deve buscar desenvolver condições mentais pessoais que possibilitem a não influência de seus conflitos e ideais no desenvolvimento particular do paciente. O analista deve reger-se pela responsabilidade, pela independência e pelo respeito à pessoa do outro. Como decorrência, deve suscitar a autonomia, a liberdade e a responsabilidade do paciente, para que este possa sair da condição de dependência e falta de governabilidade em que vive em função de seus conflitos psíquicos.

É inevitável que o modelo cultural do analista interfira no campo analítico, sendo por isso essencial que tenha consciência deste fato, buscando evitar a intrusão do modelo ideológico, respeitando sempre a identidade e a realidade psíquica do paciente. A diferença entre a ideologia e o respeito pela pessoa do paciente é fundamental, sendo que o respeito abriga o caráter ético que leva à autonomia do indivíduo, e a ideologia, um esquema de ideias que se quer impor ao outro visando ao domínio e à manipulação, buscando obter poderes científicos, políticos ou econômicos. O analista deve tratar seu paciente somente através da teoria e da técnica psicanalíticas. Ele é responsável por sua própria conduta ética, não só no que diz respeito aos seus *standards* profissionais, mas também no relacionamento com seus pacientes, com seus colegas, com a sociedade profissional, com outras instituições e com o público em geral.

Entenda-se que o *setting* e o campo analítico constituem o espaço onde a relação transferencial-contratransferencial se desenvolve e é analisada da melhor maneira possível. Neste particular, a técnica vincula-se diretamente à ética, que, portanto, se integra à teoria científica da psicanálise. A raiz ética dá coerência e sentido às normas técnicas psicanalíticas, tornando-se essencial dentro da prática.

As falhas éticas sempre levam a falhas técnicas porque alteram o campo



analítico (Etchegoyen, 1987). Considere-se que é essencial para a existência do processo que a relação analista/paciente transcorra em privação, em frustração e em abstinência. Neste particular, segue-se Freud quando afirma que o analista não pode dar ao paciente satisfações diretas porque, se o analisando as obtém, rompe-se o campo, a análise se desvia e se perverte. Por entender que a gratificação direta bloqueia o processo de simbolização, considere-se a abstinência como um recurso técnico da análise e um preceito ético do analista.

Uma conduta é antiética quando tendências narcísicas e egoístas predominam sobre aquelas que priorizam o interesse e a consideração pelo outro, especialmente pelo sofrimento deste. A psicanálise, para ser bem exercida, deve ser amplamente questionadora, marcada por um envolvimento intenso entre paciente e analista, no qual as pulsões, sentimentos e pensamentos devem ser expressos e verbalizados com toda sua intensidade. No entanto, toda e qualquer ação não se justifica, pois não tem nenhuma finalidade terapêutica.

As ações, por não serem terapêuticas, consideram-se como não éticas, exercidas pelo analista em função da sua incapacidade de conter suas pulsões primitivas insatisfeitas, não sublimadas, atacando o *setting*. Desta forma, traz-se para o campo analítico a verdade das pulsões, porém, pela sua inadequação afetiva, passa a se caracterizar como uma crueldade para com o paciente, uma atitude agressiva e invasora de sua privacidade.

A sedução é uma das situações que frequentemente altera e desvia o processo psicanalítico, podendo torná-lo perverso, pois tem como finalidade última estabelecer a satisfação de demandas, tanto por parte do paciente (esperadas) como por parte do terapeuta (não esperadas) relativas a exigências narcísicas.

Ainda relativo a todas estas situações, cabe lembrar Freud (1914a) quando ele se refere à questão do “recordar versus repetir”. O recordar caracteriza-se como uma busca do *não esquecer* a verdade, reconhecendo-a com consideração e gratidão, diferente do repetir, que tem o sentido de manter o *esquecimento* e de não permitir a aplicação da boa técnica, que encaminha para a expansão analítica. A ética do analista não reside, em sua essência, no fato de seguir submisso a normas e códigos institucionais, mas, principalmente, por desenvolver a capacidade de uma consciência reflexiva sobre os valores que caracterizam sua tarefa.

A atitude analítica é, em sua própria essência, o modelo – espero que não o último bastião – da incorruptibilidade implacável. Manter isto lhe é central. Não há analista sujeito ao espectro diário dos deslocamentos de transferência que não conheça e sinta a gama de pressões a que isto é submetido, do sexual ao material e ao narcísico (Rangell, 1990, p. 408). □



Abstract

Ethics and psychoanalysis

The intention of this paper is to emphasize some aspects which initially identify the understanding of the ethical development of a person, from Freud's works as a starting point, which discuss the prohibitory law of incest and of parricide, as well as the foundations of social structure. From these vantage points, the ethical issues concerning the activities of the psychoanalyst are discussed, with special emphasis on technical aspects related to the conflicts which may arise within the psychoanalytical setting.

Keywords: psychoanalytic technique, disturbances in the psychoanalytical setting, ethical conflicts for the psychoanalyst.

Resumen

Ética y psicoanálisis

El trabajo busca subrayar algunos aspectos que identifican, inicialmente, el entendimiento del desarrollo ético del individuo a partir de los trabajos de Freud que discuten la ley prohibitoria del incesto y del parricidio, bien como el lanzamiento de las bases de la estructura social. A partir de estos aspectos, se discuten los temas éticos relativos a las actividades del psicoanalista, dando especial énfasis a los temas técnicos relacionados a las conflictivas que pueden surgir dentro del *setting* psicoanalítico.

Palabras llave: técnica psicoanalítica, perturbaciones del *setting* psicoanalítico, conflictos éticos del psicoanalista.

Referências

- Etchegoyen, R. N. (1987). Teoria, técnica e ética. In *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (1913). Totem e tabu e outros trabalhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol.13, pp. 13-193) Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1914a). Recordar, repetir e elaborar. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 12, pp. 191-203) Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1914b). Observações sobre o amor transferencial. In *Edição standard brasileira das*



obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 12, pp. 207-221) Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1938). Esboço de psicanálise. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* (Vol. 23, pp. 165-237) Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Rangell, L. (1990). *The Human Core. The intrapsychic basis of behavior.* v. 1. New York: Int. Univ. Press.

Vollmer, G. & Berlim, G. I. (2005). Ética e psicoterapia. In C. Eizirik; R. W. Aguiar & S. S. Schestatsky. (Org.), *Psicoterapia de orientação analítica: Fundamentos teóricos e clínicos.* Porto Alegre: Artes Médicas.

Recebido em 28/01/2013

Aceito em 04/02/2013

Revisão técnica de **Tula Bisol Brum**

Gerson Isac Berlim

Rua Tobias da Silva, 149/304

90570-020 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: gerson@berlim.net

© Revista de Psicanálise – SPPA